



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO A PRIMAVERA DE PRAGA

A. De Lannes

Há dez anos o povo tcheco-eslovaco aprendia uma grande e triste lição: no mundo de hoje, quem depende dos outros para manter a sua soberania não é senhor dela. Depois de sofrer durante um quarto de século sob a bota vermelha dos bolcheviques, sentiu uma aragem de liberdade que o furacão comunista, representado pelo sempre atento Exército Vermelho, encarregou-se de dissipar.

Como os alemães orientais e os húngaros haviam tentado anteriormente, os tcheco-eslovacos iniciaram uma esperançosa reação contra o totalitarismo, ainda que não pretendessem renunciar totalmente ao comunismo — movidos pelos sentimentos naturais de liberdade intrínsecos ao homem, pela esperança da solidariedade mundial e da ajuda que não houve. Churchill poderia ter dito que nunca tão poucos esperaram tão pouco de tantos que tinham tanto e não lhes deram nada...

O mundo ocidental, chamado de "livre", recorda o episódio sem conseguir disfarçar um certo constrangimento pelo que tem permitido aos comunistas desde o golpe bolchevique de 1917. Paralisado pelas próprias contradições, não tem feito outra coisa a não ser recuar e perder nações inteiras para o domínio ou para a influência comunista.

De láta a Helsinque, os "chamberlains" e os "dalladiers" têm acenado ingenuamente com tratados, consultas e protocolos que, para os comunistas, não tratam, consultam ou protocolam coisa nenhuma, a não ser o que lhes interesse e até quando lhes interesse.

Há sessenta anos, o mundo não comunista vem paulatinamente recuando, traíndo, entregando, morrendo.

Os interesses exclusivos das potências ocidentais são, cada vez mais, utilizados pela flexível e esperta estratégia comunista. A troca de uma fábrica

de automóveis ou de refrigerantes, ou da compra certa de alguns milhões de quilos de cereais que a "científica" agricultura coletiva dos comunistas não consegue produzir, entregaram-se os "vietnames", os "cambodjas" e tantas outras nações.

Enquanto se recorda — com razão e justiça — as vítimas do nazismo, e se mantém em vigilância acesa ante qualquer tentativa, por mais tênue que seja, de ressurgimento daquele totalitarismo, assiste-se impassível e anes-tesiado por espetacular propaganda às ações do comunismo internacional.

Enquanto se reverenciam — com razão e justiça — as vítimas do nacional-socialismo hitlerista, particularmente os judeus europeus, relegam-se ao esquecimento os mártires, desde os católicos da Espanha e da Polônia até os muçulmanos da Ásia Central. Isto para não citar os milhões de católicos ortodoxos, massacrados na própria Rússia, muitas vezes mais milhões que os seis milhões de judeus!

Enquanto reação firme ante qualquer manifestação isolada e idiota de grupelhos anarquistas e desajustados, identificados comumente como neoz nazistas, passividade ante a ascensão da propaganda comunista, mal camuflada e bem impulsionada por uma máquina internacional, forrada por milhões de dólares anuais!

Não existe comunismo no Brasil, ouve-se dizer maliciosamente. Acusa-se de anticomunismo profissional, tal como Marx e Lênin já o fizeram antes, a qualquer voz que se levanta contra o marxismo-leninismo. "O Brasil jamais será comunista! Acreditamos demais em Deus!"

Ora, a Polônia era um país reconhecidamente católico quando foi dominada. Ainda hoje, sabe-se que 90% do seu povo permanece católico. E de que forma isto impediu a comunização do país? O seu heróico povo nada pôde fazer ante a união do nazismo e do comunismo, celebrada no Pacto Nazi-comunista de agosto de 1939.

O comunismo está longe do Brasil, dirão alguns acomodados ou mal informados. Assim também, em outras ocasiões, pensaram muitos países, achando que o comunismo estava enclausurado na Rússia. E onde estão, para não citar todos, os despreocupados dançarinos húngaros, os alegres romenos, os nacionalistas búlgaros, os simplórios vietnamitas, os místicos cambodjanos ou os tropicais cubanos? A resposta é desnecessária.

Já que não fomos úteis aos que foram sendo comunizados, que sejamos egoístas e sábidos para não permitirmos que o comunismo tome conta dos nossos destinos. Inibidos para homenagear a quem não socorremos, ao menos recordemos os fatos históricos para tirarmos defes as experiências e os ensinamentos em nosso proveito.

Aprender com a experiência alheia talvez possa ser o principal objetivo da transcrição deste resumo de Pavel Tigrid, que se segue.

DEZ ANOS DE LIBERTAÇÃO"

O PC Tcheco-eslovaco foi criado em 1921, tendo sido sempre reconhecido legalmente e nunca colheu resultados satisfatórios em eleições livres. Só mergulhou na clandestinidade com o início da 2ª Guerra Mundial, donde emergiu para empolgar o Poder.

Ao final da guerra, seus dirigentes conseguiram levar para Moscou as negociações preliminares para a constituição do primeiro Gabinete do país liberado, onde também foi organizado o programa de Governo. Em Moscou, Benes e os demais dirigentes tchecos capitularam e deram aos comunistas alguns postos-chave como o Ministério do Interior, da Educação, da Informação, da Agricultura e duas vice-presidências do Conselho.

Essa participação num Governo de Frente Nacional sem oposição seria o primeiro passo para a tomada do Poder pelos comunistas. A seguir, semeando a incerteza e a inquietação, através de nacionalizações indiscriminadas, expropriação dos bens dos "colaboradores", divisão forçada das terras e multiplicação precipitada de cooperativas agrícolas, desestabilizaram a economia, completada pela desestabilização política, através de campanhas "espontâneas" de protesto das massas. No começo de 1948, a Frente Nacional estava incapacitada para governar e em fevereiro o Partido Comunista assumia, com exclusividade, o Poder.

Desde os primeiros momentos da ascensão ao Poder, uma luta surda teve se desenvolvendo nas altas esferas do Partido, para redundar, ao fim de 1948, na vitória do setor dos dogmáticos fanaticamente devotados a Stalin.

Estabelecida a linha doutrinária do Partido, seus dirigentes passaram a agir sistemática e impiedosamente, não somente alguns adversários, mas também, aos milhares, seus inimigos imaginários, fossem ou não comunistas. Todas as instâncias do ritual dos expurgos judiciais, ordenados por Stalin, foram cumpridas, sendo mais notório o processo que redundou no enforcamento, em 3 de Dezembro, de Slansky, Primeiro-Ministro-Adjunto e Secretário-Geral do Comitê Central do PC Tcheco.

Em 1953 morria Stalin e as lutas por sua sucessão tornavam a política do PC da União Soviética cada vez mais difícil de ser decifrada. Os dirigentes do PC Tcheco viveram então um período de inquietação.

Os acontecimentos de 1953 levaram o PC Tcheco, pelo menos, ao limiar de uma profunda confusão: começaram a surgir dúvidas a respeito dos princípios e dos homens para os quais, até então, os desejos de Moscou eram ordens para ser seguidos.

Até 1956, a orientação vinda de Moscou não era clara e, para aumentar as dificuldades dos dirigentes do PC Tcheco, explodiu, ao findar o verão, uma revolta operária em Poznan (Polônia).

Por outro lado, em meados de outubro, graves perturbações da ordem aconteciam na Hungria, obrigando o PC Tcheco a tomar uma atitude defensiva,

tendo o bureau político passado a impor à imprensa e ao rádio a forma pela qual deviam divulgar os comunicados e as informações.

As dúvidas do PC Tcheco se deviam às hesitações do próprio Kremlin a respeito dos acontecimentos. Se a Embaixada soviética em Praga não sabia quais eram os seus amigos ou os contra-revolucionários em Budapeste, como poderiam sabê-lo os membros do bureau político do PC Tcheco?

Todavia, para alívio dos dirigentes tchecos, logo depois os tanques soviéticos marchavam em direção a Budapeste, que estava em revolta. O final desse episódio é bem conhecido: a revolta popular húngara foi esmagada com sangue, em poucas horas.

A direção do PC Tcheco, no entanto, julgou que uma lição deveria ser tirada desses anos de incerteza e, particularmente, dos acontecimentos polonês e húngaro: era necessário, em seu próprio país, reforçar a "disciplina do Partido", acentuar a fiscalização dos chefes do Partido, da população em geral e tornar impossível qualquer "desvio ideológico".

As medidas tomadas pelos dirigentes tchecos ou o pavor ante as soluções adotadas na Polônia, e, em particular, na Hungria, davam a impressão, pelo menos nos anos que se seguiram a esses acontecimentos, de tranqüilidade na Tcheco-Eslováquia.

Entretanto, essa concórdia era aparente. A semente da liberdade demorava a germinar, mas desde 1953 ela estava latente no povo húngaro e, nos últimos anos da década de 60, começava a dar sinais de vida, através das reações que se sentiam contra o rígido centralismo do Partido.

Dubcek, 1º Secretário do PC Tcheco, apercebendo-se do descontentamento popular contra o regime, procurou, para salvar o socialismo, conduzir um processo para sua "democratização". Todavia, essa sua atitude foi tomada como uma debilidade e surgiu uma indagação que se estendeu aos demais países comunistas. "Não se deveria recear que a fraqueza da nova direção do Partido Tcheco se tornasse a causa de sua desintegração final?"

A Ingerência Externa na Tcheco-Eslováquia

A partir de meados de 1968, a Tcheco-Eslováquia ficou sob suspeita e seus dirigentes se viram obrigados a justificar, perante os Partidos Comunistas dos países do leste europeu, suas resoluções.

Em 26 de março, sem que fosse alertado com antecedência e sem que nenhuma das habituais medidas de propaganda — freqüentemente adotadas pelos regimes comunistas nessas oportunidades — fosse oferecida ao povo tcheco, este foi surpreendido com a notícia a respeito de uma reunião dos dirigentes dos seis países do Leste europeu (a Romênia estava ausente) com Dubcek, em Dresden (RDA), a fim de deliberar sobre a política interna e externa desenvolvida pela Tcheco-Eslováquia.

O exame, por essa "reunião de cúpula", do problema tcheco foi considerado uma fraqueza daquele dirigente. Entretanto, foi nessa reunião que Dubcek pôde prestar contas aos seus camaradas não tchecos de que não havia tentado, nem pretendia, exportar sua revolução "democrática", nem tampouco enfraquecer o Pacto de Varsóvia. Esse evento permitiu-lhe, mediante ingentes esforços dialéticos, tentar persuadir aos demais delegados de que sua política exercia um papel de liderança e não de passividade, em relação ao processo de "democratização" para, com isso, assegurar a salvação do regime na Tcheco-Eslováquia.

Entretanto, apenas três dias depois, Kurt Hager, membro do Presidium do Partido de Ulbricht (RDA), declarou publicamente que o desenvolvimento dos acontecimentos na Tcheco-Eslováquia era o resultado de uma infame trama do governo de Bonn. As reações tcheco-eslovacas, tanto oficiais como oficiosas, foram particularmente violentas, e essa tentativa de intervenção alemã nos assuntos internos da Tcheco-Eslováquia tiveram como resultado reforçar a autoridade de Dubcek em seu próprio país.

Mas isso era apenas o começo. Os soviéticos, depois de haverem tentado advertir os tchecos por intermédio de seus aliados mais fiéis, tinham finalmente decidido empenhar-se diretamente numa crítica pública a alguns aspectos da evolução da política tcheca.

O Pravda, de Moscou, escrevia em 12 de abril que "elementos anticomunistas" tinham tomado a palavra durante o plenário do Comitê Central do Partido Comunista Tcheco-eslovaco, realizado em Praga cinco dias antes. Entre outras coisas, dizia o citado jornal, "percebeu-se que numa série de intervenções (. . .) elementos anti-socialistas esforçavam-se em diminuir o papel dirigente do partido comunista (. . .). Opiniões não-marxistas e não-socialistas manifestaram sua influência e levantaram-se igualmente reivindicações demagógicas com vistas a um retorno à Tcheco-Eslováquia de Masaryk e Benes (. . .)"

Mais ou menos na mesma época, iniciou-se um longo período de intensa atividade diplomática, durante o qual deveriam realizar-se numerosos deslocamentos. Uma delegação de personalidades búlgaras de primeiro plano, pertencentes ao partido e ao governo, chegou a Praga em 23 de abril, para uma "visita amigável". No dia seguinte, o comandante-chefe das tropas do Pacto de Varsóvia chegou também a Praga. O motivo de sua visita, segundo a rádio tcheca, era "conhecer os novos dirigentes do país".

Foi então que, de forma inesperada, uma delegação de personalidades importantes do Partido e do governo tcheco-eslovaco deixou Praga em direção a Moscou, de avião, em 3 de maio, chegando à capital soviética no dia seguinte pela manhã. A delegação tcheco-eslovaca regressou a Praga nas primeiras horas do dia 5 de maio.

Em 6 de maio, numa declaração no Rudé Pravo, Dubcek evocou as condições e o resultado de sua viagem a Moscou, dando a entender que um dos objetivos

principais de seu deslocamento fora o de informar aos dirigentes soviéticos sobre a evolução da situação na Tcheco-Eslováquia.

Um pouco mais tarde, realizou-se em Moscou a reunião dos líderes dos cinco Partidos Comunistas "duros" (URSS, Polónia, Alemanha Oriental, Hungria e Bulgária), tendo na ordem do dia a situação da Tcheco-Eslováquia. Entretanto, os principais interessados não haviam sido convidados a explicar-se pessoalmente perante seus censores, o que não deixou de lembrar aos tchecos a época da crise de Munique, em 1938, onde já se havia discutido a sorte daquela nação sem sua presença.

É de se imaginar a inquietação que se apoderava de tchecos e eslovacos pela sorte de seus destinos. Ao mesmo tempo em que se sentiam as primeiras aragens da liberdade, também identificavam as preocupações daqueles que os escravizavam e a adoção, por estes, de medidas que lhes sufocassem por inteiro. Evidentemente, com isso, desenvolvia-se no seio do povo acentuado sentimento anti-soviético.

A direção do Partido, que promovia a distensão, encontrava-se muito preocupada. E é nesse ambiente de incertezas que, no dia 29 de maio, o Comitê Central inaugura sua sessão plenária angustiado pelas atividades dos chamados "conservadores", estes, fiéis vassallos da "mãe pátria". Estimulados pela tensão que se estabelecera nas relações tcheco-eslovacas/soviéticas e pelas visitas de inúmeras personalidades russas ao país, os "conservadores" transmitem apreensão ao Comitê Central.

Em contraposição, numerosas empresas e organizações enviam à direção do Partido sua solidariedade à política liberalizante, assim como reafirmam-lhe apoio irrestrito. Incitando os renovadores a não cessarem sua atuação, as correspondências solicitavam o afastamento dos "conservadores" do Comitê Central, por estarem desacreditados.

Empolgados por tais manifestações, desde o primeiro dia daquela sessão são tomadas medidas de higienização em relação aos conservadores, de modo a impedir a obstrução às reformas políticas formuladas. Exclui-se Antonin Novotny do Comitê Central e, em seguida, o mesmo é expulso do Partido. Essa última medida também é tomada contra seis outros ex-funcionários de primeira categoria do Partido ou do Estado e que haviam tomado parte direta nos processos da década de 50.

Entretanto, contrariando o que era previsto no programa de ação do Partido, que o definia como sendo uma força que deveria agir pela persuasão, Dubcek quando de seu discurso, assinalou que o papel dirigente do partido deveria ser um dogma e se insurgiu com veemência contra todas as correntes de pensamento prevalentes entre os renovadores até então, provocando generalizado mal estar. Ainda que renovadora com relação às concepções anteriores, a posição de Dubcek revelava-se sensivelmente mais ortodoxa, aproximando-se muito mais da velha Frente Nacional, dominada pelos comunistas e que não permitia oposição, do que da formulada pelos escritores tchecos, segundo a qual o "socialismo" designava a apropriação pública dos meios de produção.

É bem possível que essa volta à ortodoxia ideológica fosse uma concessão feita por Dubcek às pressões soviéticas que o levaram a retroceder em seu pensamento original, abandonando com isto seus correligionários renovadores.

Dentro da programação de instrução do Pacto de Varsóvia, em junho, deveriam ser realizadas manobras que envolviam o território da Tcheco-Eslováquia. O Ministro da Defesa Nacional publicou, no dia 30 de maio, uma declaração segundo a qual os elementos soviéticos que participariam das manobras em território tcheco seriam compostos de oficiais de Estado-Maior e de unidades de apoio e transmissão.

O povo tcheco, todavia, começou a preocupar-se porque, na verdade, unidades soviéticas, diferentes das anunciadas, já começavam a penetrar na Eslováquia oriental, quando as manobras só deveriam ter início na metade de junho. A preocupação era tanto maior quando se sabe que nessa ocasião o plenário do Comitê Central realizava sessão para decidir a respeito do futuro do país. Ora, essa "coincidência" só podia ser interpretada como uma outra forma de pressão soviética. Mais uma vez, a "sinceridade de propósitos" dos comunistas era revelada.

O Verão de 1968

No verão de 1968, quando estava acabando a "primavera tcheco-eslova-ca", se é que a política acompanha os ciclos das estações, a situação se apresentava sob uma luz muito favorável aos dirigentes dogmáticos do PC Tcheco. No momento em que a estação do reflorescimento se transformava pouco a pouco em verão, a revolta tcheco-eslovaca perdia sua força inicial e amadurecia.

A revolta tcheca tornava-se mais prudente com o correr do tempo e tivera de fazer as contas dos seus lucros e de suas perdas.

A maioria das exigências fundamentais dos não-comunistas conscientes ou tinham permanecido como simples votos, ou tinham sido rejeitadas pela direção do partido comunista inspirado por Dubcek. A criação de um segundo partido político verdadeiramente desenvolvido fora proibida e a renovação do partido social-democrata fora excluída.

A possibilidade da formação de um partido político concorrente ao Partido Comunista foi virtualmente descartada. A importância capital é que o Partido Comunista deve permanecer com o seu monopólio do poder assegurado, e quando as fontes oficiais fixaram limites para a "democratização", ficou confirmado de forma bem nítida o "princípio do papel dirigente do Partido Comunista".

O interesse pelos assuntos públicos começava a diminuir, às vésperas das férias de verão, no espírito da população. Era de temer que os elementos conservadores quisessem tirar partido disso para se assegurarem de uma representação maciça entre os delegados do XIV Congresso (extraordinário) do PC Tcheco-eslovaco, convocado para o dia 9 de setembro de 1968. Preocupado com esse aspecto, que poderiam tomar os acontecimentos, Ludvik Vaculik redigiu o manifesto que

ficou conhecido como "manifesto das duas mil palavras", que foi publicado e assinado por uma centena de personalidades de todos os setores da vida tcheco-eslovaca.

A publicação do "manifesto" provocou primeiramente uma reação hostil no Presidium do Partido (embora esse manifesto demonstrasse a vontade de sustentar a sua política), bem como de uma parte dos deputados da Assembléia Nacional. Um deles, um deputado comunista conservador, chegou a interpelar o governo a respeito do que chamou de "esse apelo contra-revolucionário" e a propor que fosse proclamada a lei marcial. Deve-se a M. Cernik, presidente do Conselho, o mérito principal de ter conseguido, com muito custo, acalmar os espíritos. Simultaneamente, as redações dos jornais que tinham publicado as "duas mil palavras" recebiam centenas de milhares de cartas de aprovação e de adesão.

No plano internacional, o manifesto das "duas mil palavras" tornou-se a peça principal no conjunto de pressões exercidas por Moscou contra Praga. Os cinco partidos comunistas reunidos em Varsóvia, nos dias 14 e 15 de julho de 1968 (os da URSS, da Polônia, Hungria, Bulgária e da Alemanha Oriental), consagraram-lhe uma boa parte da advertência que foi dirigida ao Comitê Central do Partido Comunista Tcheco-eslovaco.

A primavera tcheco-eslovaca — que se iniciara com uma revolta limitada às mais altas instâncias do Partido contra Antonin Novotny e os seus amigos dogmáticos — estava já agora abrindo uma profunda brecha no seio do Pacto de Varsóvia e talvez em todo o movimento comunista internacional. Incontestavelmente, estávamos no limiar da crise mais grave que sacudiu esse movimento, depois de 1956.

Um golpe de vista sumário sobre o calendário dos acontecimentos, que se precipitaram cada vez mais, mostra a amplitude da crise, que se tornou em meados de julho num acontecimento internacional de primeira ordem para o futuro da Europa e também, sem dúvida, para a evolução das futuras relações entre o Este e o Oeste.

Os Acontecimentos de Julho

- 1º de julho — Data oficial do fim das manobras dos Estados-Maiores do Pacto de Varsóvia. Mas as unidades soviéticas retiram-se do território tcheco-eslovaco com uma lentidão calculada e foi revelado que algumas delas receberam ordem de continuar dentro do país. Por esse motivo, o nervosismo cresce no seio da direção do PC tcheco-eslovaco, o qual apresenta a Moscou pedidos reiterados para que haja uma retirada geral das tropas soviéticas do território nacional. Moscou respondeu com o pretexto — que não convence ninguém — de que existem "dificuldades de ordem técnica". Os serviços tcheco-eslovacos de contra-espionagem descobrem nas regiões onde se tinham desenvolvido as manobras, um equip-

mento eletrônico cuidadosamente camuflado destinado a perturbar as emissões de rádio e televisão.

- 10 de julho — O Ministro da Defesa declara: "35% das tropas estrangeiras que tomaram parte no mês passado, na Tcheco-Eslováquia, nas manobras do Tratado de Varsóvia, já voltaram às suas guarnições. Espero que as que ainda ficaram sejam retiradas sem demora". Essa esperança revelou-se sem fundamento e, além disso, fontes dignas de crédito assinalavam a entrada na Eslováquia de novas unidades russas da Ucrânia.
- 13 de julho — O Presidente Svoboda encontrou-se com o Primeiro Secretário do PC húngaro, Janos Kadar. Na véspera da conferência de Varsóvia dos cinco partidos "duros", à qual a Tcheco-Eslováquia se recusara a comparecer, os dirigentes tcheco-eslovacos desejaram sondar o único participante dessa reunião que manifestara um pouco de compreensão com relação a eles.
- 18 de julho — À saída da conferência de Varsóvia, os cinco "partidos irmãos" resumem, num tom que não tem apelação, as condições impostas ao PC Tcheco, em famosa carta dirigida ao seu Comitê Central.
- 19 de julho — A resposta de Praga não se fez esperar: foi uma recusa nítida, polida, mas, firme, aprovada por unanimidade pelo plenário do Comitê Central do PC Tcheco-eslovaco. Em troca, a Tcheco-Eslováquia propõe realizar reuniões bilaterais com todos os partidos irmãos, incluindo os da Iugoslávia e da Romênia.
- 20-
21 de julho — Moscou parece aceitar a idéia de uma reunião soviético-tcheco-eslovaca a ser realizada em território soviético. Dubcek informa aos soviéticos que está pronto a encontrar-se com eles mas em território tcheco-eslovaco.
- 23 de julho — Um comunicado publicado no Izvestia anuncia as grandes manobras das tropas soviéticas ao longo das fronteiras ocidentais da URSS e a convocação dos reservistas do exército vermelho. Essas manobras durarão até 10 de agosto. Na Alemanha Oriental, as autoridades mandam colocar uma rede de arame farpado na fronteira entre seu país e a Tcheco-Eslováquia.
- 25 de julho — Registram-se as primeiras notícias segundo as quais a reunião bilateral soviético-tcheco-eslovaca realizar-se-á antes do fim do mês. Um porta-voz do Comitê Central tcheco-eslovaco asseverou que a Tcheco-Eslováquia pretendia mostrar-se firme com relação a dois pontos: a defesa da fronteira e a política de informação.

Mas a primeira concessão incontestável feita a Moscou acabou de ser decidida pelo Presidium do PC Tcheco-eslovaco: ela se relaciona com a demissão do General Chefe da Seção do Comitê

- Central encarregado do Exército e da Segurança. O General tinha declarado, alguns dias antes, que seria necessário proceder a uma profunda revisão no Pacto de Varsóvia.
- 26 de junho — Na iminência da reunião com os soviéticos, milhares de apelos para que os dirigentes do PC Tcheco-eslovaco se mantivessem firmes, foram dirigidos ao secretário do Partido, às redações dos jornais, da rádio e da televisão. No espaço de três dias, muito antes do encerramento dessa campanha de apoio, mais de meio milhão de assinaturas foram recolhidas e a imprensa local, bem como os correspondentes estrangeiros, puderam constatar que a população tcheco-eslovaca não tinha jamais estado tão unida, desde a crise de Munique. Dubcek e os seus amigos acabavam de provocar uma onda de confiança popular sem precedentes na história do PC Tcheco-eslovaco.
- 29 de julho — Abertura da reunião de cúpula soviético-tcheco-eslovaca. As negociações se anunciam difíceis. As grandes manobras prosseguem na fronteira ocidental da URSS e a campanha anti-tcheco-eslovaca na imprensa dos "cinco" atinge o seu paroxismo.
- 30 de julho — Rudé Pravo declara num artigo que "acreditar que as relações entre partidos irmãos possam ser reguladas com sucesso através da propaganda, da pressão política e mesmo militar, seria uma ilusão extremamente perigosa". O jornal adverte àqueles que quisessem agir dessa maneira que "poderiam minar o prestígio internacional da URSS e de outros países socialistas e causar danos consideráveis aos partidos dos países comunistas". O artigo conclui: "A única forma realista de solucionar estas diferenças, para que o movimento comunista em seu conjunto possa lucrar com isso, é a de discutir com camaradagem, como se faz entre iguais, com respeito pela independência e pela soberania de cada qual".

A Tragédia

No dia 1º de agosto, depois de vários dias de impasse nas conversações soviético-tcheco-eslovacas, as duas delegações, de comum acordo, propuseram aos comitês centrais dos partidos comunistas da Bulgária, da Hungria, da República Democrática Alemã e da Polónia uma reunião a realizar-se no dia 3 de agosto, em Bratislava.

A 3 de agosto, depois do breve encontro de Bratislava, uma "Declaração dos seis partidos comunistas" foi publicada. Esse documento, tributo a uma ortodoxia comunista verdadeiramente consternadora, é o evidente resultado de um compromisso. Entretanto, o principal perigo fora afastado, porque o Exército Vermelho não invadirá o país a fim de nele instaurar um "socialismo" à maneira de Brejnev e de Ulbricht, mas, ao contrário, os últimos contingentes soviéticos acabavam de se

da Tcheco-Eslováquia, dessa vez definitivamente, ao que parecia. Todo o resto não passava, aparentemente, de palavras.

Uma leitura, mesmo rápida, desse documento revela que se trata de uma declaração puramente formal, destinada sobretudo a dar aos soviéticos uma saída honrosa do impasse ao qual os havia conduzido sua ação diplomática desprovida dos matizes e das sutilezas usuais.

Essa solução porém não podia dar tranqüilidade ao povo tcheco-eslovaco. Com efeito, no dia 21 de agosto, às duas horas da madrugada, a Rádio Praga inicia suas transmissões com este grito de alarma:

"...acordai os vossos vizinhos e amigos, apesar do avançado da hora. Dentro de um instante transmitiremos notícias extremamente importantes. Permanecei escutando-nos e acordai todo mundo!"

Seguiu-se uma "proclamação do Presidium do PC Tcheco-eslovaco para todo o país" anunciando que na véspera, às 23 horas, as tropas da URSS, da Polónia, da República-Democrática Alemã, da Hungria e da Bulgária tinham atravessado as fronteiras da República Tcheco-eslovaca. A declaração dizia também que nem o Presidente da República nem nenhum órgão constituído do Estado ou do Partido fora consultado nem avisado e que esse ato estava "em contradição flagrante com todas as normas fundamentais do direito internacional". O Presidium do Partido pedia, entretanto, aos cidadãos que não opusessem resistência ao avanço das tropas. O exército a polícia e as milícias de operários também não receberam ordem para defender o país.

O Presidium do Partido seria pouco depois aprisionado: a sede do PC Tcheco-eslovaco foi cercada pelas tropas soviéticas, os soldados irromperam no interior do edifício e levaram os senhores Dubcek, Cernik, Smrkovsky e outros dirigentes tchecos sob escolta, com destino à URSS.

A rádio continuou as suas transmissões que partiam de estúdios clandestinos e contribuiu de forma decisiva para preservar o país do caos. A solidariedade com Dubcek e os outros dirigentes legítimos foi absoluta, e os soviéticos procuravam em vão encontrar um Quisling eventual.

No dia 23 de agosto, às 9 horas da manhã, o Presidente Svoboda — prisioneiro ele próprio no Castelo de Praga — anunciou que, como consequência do fracasso registrado até então nas negociações com as autoridades soviéticas, ele iria pessoalmente a Moscou para tentar, de pleno acordo com o seu governo, uma última gestão desesperada para resolver a crise. Isso significa que os soviéticos não tinham conseguido constituir uma equipe dirigente como desejavam: um fracasso monumental para os ocupantes!

Partindo para Moscou, o Presidente Svoboda pensava ir e voltar no mesmo dia. Não foi assim, porque as conversações laboriosas, marcadas por uma atitude implacável de chantagem do lado soviético, deveriam prolongar-se até o dia 27 de agosto. Os senhores Dubcek, Cernik e Smrkovsky assistiram a tudo, ao lado do Presidente Svoboda, mas a única coisa que se pode dizer do compromisso final é

que se tratou de um "acordo extorquido", e um milagre que toda a equipe tcheco-eslovaca tenha podido voltar ao cativeiro — e, além disso, com seus poderes plenamente restaurados, embora o fossem sob condições e restrições.

Sem dúvida, é uma tentativa desesperada querer a coexistência do regime inspirado por Dubcek com os senhores do Kremlin, e seria necessário um outro milagre para realizar uma tal coexistência sobre bases permanentes e politicamente válidas. Porque é um fato que a Tcheco-Eslováquia — como todos os outros países do Pacto de Varsóvia — não tem nenhuma possibilidade de escolher livremente o seu destino.

Conclusões

Em primeiro lugar, a crise tcheco-eslovaca do verão de 1968 focalizou, ainda mais do que havia sido feito com a Hungria em 1956, uma luz crua sobre a URSS e sob a qual esta apareceu de repente, com a sua verdadeira fisionomia de potência agressiva e imperialista. Por uma ironia do destino, Moscou e seus partidários estão procurando há 60 anos descobrir esse imperialismo em toda parte, menos em Moscou.

Por que, finalmente, os soviéticos utilizaram, no seu conflito com Praga, todo o arsenal de intimidação, desde os meios psicológicos até as pressões militares, não hesitando sequer em lançar mão de certas provocações que lembram recordações funestas: o jogo do gato e do rato em torno da retirada, sempre adiada, das tropas soviéticas que tinham sido introduzidas na Tcheco-Eslováquia, a encenação transparente dos depósitos de armas oportunamente descobertos pela imprensa russa, as proclamações truncadas, uma campanha mentirosa de propaganda sobre a situação na Tcheco-Eslováquia etc. Todos esses processos constituem um exemplo clássico de ingerência flagrante e deliberada nos assuntos internos de outro Estado.

Como circunstância agravante, essa ingerência se exerceu contra um país "irmão" dirigido por um partido comunista que, como podemos constatar repetidamente, não tinha nunca fornecido a Moscou motivo de queixa. Isto prova uma vez mais — se mais provas fossem necessárias — que a URSS, sob Stalin tanto quanto sob Khruchchev ou Brejnev, deseja garantir para si mesma somente simples satélites e nunca aliados fiéis. Dentro da mesma ordem de idéias, devemos observar que cada vez que a União Soviética precisa escolher entre as motivações ideológicas ou diplomáticas e os interesses de força e de prestígio, militares ou econômicos da superpotência soviética, ela escolheu sempre este segundo termo de alternativa.

Finalmente, ficou patente que os dirigentes soviéticos atuais, como os seus predecessores, têm medo do liberalismo. Nessas circunstâncias, eles temem sobretudo uma confrontação fatal com as estruturas sociais rígidas e relativamente superadas sobre as quais repousa ainda essencialmente o regime soviético.

Convém, entretanto, anotar o que é mais importante: num país cujas tradições democráticas poderiam parecer, depois de um quarto de século, profundamente

te enterradas, a liberdade — a do indivíduo e a da nação, a de opinião e de expressão — foi promovida à categoria de programa político do povo inteiro, sem que tenha sido necessário enfeitar esse termo com alguns qualificativos ou "ismos". Isto constitui um acontecimento capital cujo alcance ultrapassa o quadro tcheco-eslovaco.